



MUSEU NACIONAL DE

ARTE ANTIGA

António Filipe Pimentel [coord.]

MUSEU DE PORTUGAL



APRESENTAÇÃO



O Grande Museu de Portugal. Habitando, há quase 130 anos, o Palácio Alvor (entretanto ampliado e transfigurado) e cumprindo um século da actual designação, o Museu Nacional de Arte Antiga abriga a mais relevante colecção de arte em Portugal, entre pintura, escultura e artes decorativas, nacionais, europeias e orientais, com um acervo de mais de 40 000 peças, de que aproximadamente 10% podem ser fruídas pelo público nas 80 salas que o compõem, nelas compreendido o maior número dos chamados *tesouros nacionais*.

Mas a colecção do MNAA (*nickname* hoje generalizado) não releva apenas do ponto de vista quantitativo. Herança da Histó-

ria (com realce para as incorporações dos bens eclesiásticos e dos provenientes dos Palácios Reais), acrescentar-se-ia de generosas doações e importantes aquisições, ilustrando, em patamar de objectiva excelência, o que de melhor se produziu ou acumulou em Portugal, nos domínios acima enunciados, entre a Idade Média e os alvares da Contemporaneidade, o arco em que se fixaria o seu espectro epistemológico. Ao mesmo tempo e também nos diversos domínios, em especial no da pintura e das chamadas *artes decorativas francesas*, é a única colecção estatal a englobar, em tal quantidade e qualidade, obras de referência do que poderemos designar de património artístico mundial.

▲
**Museu Nacional
de Arte Antiga**
*Entrada principal
(Largo 9 de Abril)*



Esta condição o configura como parceiro incontornável na actividade museológica internacional, quadro em que o seu acervo é de contínuo solicitado ou mobilizado; ela mesma dificulta, naturalmente, que, em obra como esta, possa o leitor fruir mais que uma visão diáfana do que pode aguardá-lo no museu. Mas não se esgota aí o estatuto do *primeiro museu de Portugal*. Pertence-lhe ainda, historicamente, a dignidade de *museu normal*: o que define a norma, as boas práticas, em acordo, uma vez mais, com os padrões internacionais, seja em matéria de conservação e de museografia, seja ainda no âmbito do seu serviço educativo, pioneiro nesta área no País.

Como não esgotam as salas ou o esplendor do acervo o seu poder de sedução. Oculto a olhares profanos; conhecido, porém, dos muitos que o frequentam como rito de civilização, possui o MNAA, suspenso sobre o rio, um dos últimos *jardins secretos* de Lisboa. Aí, entre estátuas e abóbadas verdes filtrando o sol benigno português, dispõe o visitante de um restaurante contemporâneo, aliança estratégica cujo valor realçam os guias do turismo internacional. Reserva discreta do museu, é poiso adequado na visita – antes, depois ou em retemperadora pausa.

O Director
António Filipe Pimentel